



## **A fim de que crescamos em tudo: notas sobre uma igreja madura**

*So that we may grow in everything: notes on a mature church*

**Jonathan Michelson de Menezes<sup>263</sup>**

*Docente no PPG de Teologia da Faculdade Teológica Sul Americana*

**Resumo:** O artigo a seguir defende, em diálogo com o apóstolo Paulo, que o *telos*, destino ou alvo de toda igreja fundada no evangelho e no seguimento de Jesus consiste em ser – para o mundo e para si mesma – uma igreja madura. Para tanto, ancora-se no texto paulino de Efésios 4.1-16, examinando o movimento necessário, segundo o apóstolo, para que o corpo de Cristo *cresça em tudo* naquele que é o cabeça, Cristo. Percorre o texto e dialoga com ele realizando (a) uma breve *análise introdutória da situação* partindo de termos importantes utilizados pelo apóstolo nesta perícopes; (b) tratando da relação dinâmica entre uma *coletividade pessoal* (a comunidade de fé) e uma *personalidade individual*; (c) até chegar no caminho ou desenvolvimento maturacional do corpo de Cristo propriamente dito (via igreja local). Nesse sentido, o foco da reflexão recai, particularmente, sobre o papel desempenhado pelos líderes (pastores, mestres, profetas) do rebanho, e sua importante missão de estimular esse crescimento, mesmo que, para isso, tenha de romper com certa lógica do sistema religioso, que mantém pessoas dependentes.

**Palavras-Chave:** Crescimento. Maturidade. Igreja. Paulo. Efésios.

**Abstract:** The following article argues, in dialogue with the apostle Paul, that the *telos*, destiny or goal of every church founded on the gospel and the following of Jesus is to become – for the world and for itself – a mature church. To do so, it anchors itself in the text of Ephesians 4:1-16, examining the movement necessary, according to the apostle, for the body of Christ to *grow in everything* in him who is the head of it, Christ. It goes through the text and dialogues with it, carrying out (a) a brief introductory analysis of the situation, starting from important terms used by the apostle in this pericope; (b) dealing with the dynamic relationship between a personal collectivity (the community of faith) and an individual personality; (c) arriving at the path or maturational development of the body of Christ itself (through the local church). In this sense, the focus of the reflection draws particularly on the role played by the leaders (pastors, teachers, prophets) of the flock, and their important mission of stimulating this growth, even if, to do so, they must break with a certain logic of the religious system, which seems to keep people dependent.

**Keywords:** Growth. Maturity. Church. Paul. Ephesians.

---

<sup>263</sup> Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista, UNESP-Assis, SP. Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Londrina, graduação em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana e mestrado em História Social pela Universidade Estadual de Londrina. Docente do PPG de Teologia da FTSA.

## Introdução

A igreja começou (no sentido lato, mais amplo) com Jesus, o humano, mas que não é óbvio que encontremos nem igrejas com a cara de Jesus e, por isso, nem igrejas que têm na humanidade sua marca. Daí a necessidade de atestar o óbvio: numa era de desumanização, precisamos de uma igreja *humana, demasiadamente humana*, porque mais parecida com Jesus. Igrejas contemporâneas são aquelas que se conformam com uma contemporaneidade messiânica, assemelhando-se a Jesus em tudo, e anunciando por meio de palavras e obras o Cristo, que ele veio revelar.

Que tipo de “cara”, porém, uma igreja humana tem? A partir daqui começamos a delinear outras características importantes da igreja, agora propondo uma que encontramos no coração de uma das cartas do apóstolo Paulo: a epístola aos Efésios. Se a igreja começou com Jesus (no sentido lato), ela se desenvolveu e ganhou corpo com Paulo (no sentido estrito). É hora, portanto, de falar do desenvolvimento da igreja (mais que do crescimento numérico); do que significa ser, nos dizeres de Paulo, *uma igreja madura*; da “metamorfose necessária”, que José Tolentino Mendonça lê na escritura paulina: “Toda a teologia de Paulo é fundada sobre uma descrição das metamorfoses que acontecem ao homem no seu itinerário, na sua peregrinação para Deus, em Cristo”<sup>264</sup>.

Com Paulo, portanto, migramos da pessoa de Jesus para a *vida em Cristo* e o que ela carrega pessoal e comunitariamente. “Em Cristo” é uma expressão que Paulo utiliza, ao todo, 164 vezes em suas cartas para se referir à nossa condição existencial e “agraciada experiência da salvação”, como diz Richard Rohr. E ele completa: “Em uma colocação sucinta, isso quer dizer que *a humanidade nunca esteve separada de Deus* – a menos que esta tenha sido a sua própria escolha negativa. Todos nós, sem exceção, vivemos dentro de uma identidade cósmica, que já está no seu lugar, e que nos conduz e nos guia. Todos nós estamos ‘em Cristo’, voluntaria ou involuntariamente, feliz ou infelizmente, consciente ou inconscientemente”<sup>265</sup>.

Nesse sentido, Rohr pensa a *vida em Cristo* como algo mais abrangente que o que denominamos de “vida cristã”. Não é necessário ser cristão para estar *em Cristo*; paradoxalmente, a vida *consciente em Cristo*, embora também não implique denominar-se como “cristão”, implica nessa “metamorfose necessária”, que Paulo em Romanos chamou de *Metanoia*, uma transformação no modo de ser e de pensar de alguém, em uma vida que, por si só, dispensa a fachada e o costume religioso; uma vida cujos frutos de amor contam mais que as palavras.

Minha exposição aqui deve se orientar por três caminhos, a partir dos textos de Efésios 4.1-16: 1. Breve *análise introdutória da situação* partindo de termos importantes utilizados pelo apóstolo nesta perícopes; 2. A relação dinâmica entre uma *coletividade pessoal* (a comunidade de fé) e uma *pessoalidade individual*; 3. O caminho ou desenvolvimento maturacional do corpo de Cristo (via igreja local).

## 1 Análise introdutória da situação

Por isso eu, o *prisioneiro no Senhor*, peço que vocês vivam *de maneira digna* da vocação a que foram chamados, com toda a

<sup>264</sup> MENDONÇA, José Tolentino. *Metamorfose necessária*. Lisboa: Quetzal, 2022. p. 90.

<sup>265</sup> ROHR, Richard. *O Cristo Universal*. Como uma realidade esquecida pode mudar tudo o que vemos, esperamos e acreditamos. São Paulo: nVersos, 2019. p. 49.

humildade e mansidão, com longanimidade, suportando uns aos outros em amor, fazendo tudo para preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz. Há somente um corpo e um só Espírito, como também é uma só a esperança para a qual vocês foram chamados. Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos. (4.1-6)

### *Prisioneiro no/do/pelo Senhor*

Creio que as três preposições (no/do/pelo), presentes em diferentes traduções, cabem no mesmo contexto (embora as traduções, como a que uso, optem por uma ou outra), e precisam aqui ser consideradas juntas. “Pelo” porque Paulo foi preso em Jerusalém (e transferido pra Roma, de onde escrevia a carta, *por causa do Evangelho*. Logo, *de jure* (isto é, pela lei) ele era prisioneiro de Roma; mas *de facto* (isto é, na prática) ele era prisioneiro “de” Cristo, e isso é uma declaração teológica e política ao mesmo tempo, como que dizendo: “O meu *kyriö - Senhor ou suprema autoridade* – permanece sendo Cristo, ainda que eu esteja fisicamente preso em uma masmorra de Roma”. Isso revela uma liberdade interior revolucionária diante de seu opressor. De quem diz resolutamente: “Sou prisioneiro sim, mas *no* Senhor; logo, sou mais livre que muitas pessoas que ora possuem o direito de ir e vir”. Mais livre até mesmo que a pessoa que o colocou na prisão.

Como no encontro entre Josef Mengele e Edith Eva Egger, no século passado. Na posição de opressor está Mengele – o médico do regime nazista conhecido como “anjo da morte”, por ter sentenciado à morte milhares de judeus em câmaras de gás – ; na posição de prisioneira-vítima está a jovem Edith, como ela relata em *A bailarina de Auschwitz*, que foi convocada a dançar perante seu algoz por ordem dele. Ali ela se põe a dançar no inferno, não conseguindo “olhar para o carrasco enquanto ele decide nossos destinos”. Naquele ato ela navegou da realidade fria para a imaginação, e de repente se viu dançando não em um barracão de Auschwitz, mas no palco da Ópera de Budapeste (sua cidade natal), interpretando na dança a peça “Romeu e Julieta”. Egger relata ter lembrado naquele momento das palavras de sua mãe, como se ela estivesse sussurrando aos seus ouvidos: “*Não se esqueça, ninguém pode tirar de você o que você colocou em sua própria mente*”. E o relato a seguir é magnífico:

Dr. Mengele, minhas companheiras prisioneiras mortas de fome, a desafiante que sobreviverá e a que logo estará morta, todas, até mesmo minha querida irmã, desaparecem, e a única palavra que existe é a que está dentro da minha cabeça (...). Conforme eu danço, descubro uma pérola de sabedoria que nunca esqueci. Nunca saberei qual milagre me concedeu esse insight. Ele salvará minha vida muitas vezes, mesmo depois que o horror acabar. Posso ver que o Dr. Mengele, o experiente assassino que nesta manhã matou minha mãe, é mais patético que eu. *Sou livre em minha mente, algo que ele nunca será*. Ele terá que viver para sempre com o que fez. Ele é mais prisioneiro do que eu. Quando termino a série com um espacate gracioso, *rezo, não por mim, mas por ele*. Rezo para o bem dele, para que ele não tenha que me matar. (grifos no original).<sup>266</sup>

<sup>266</sup> EGGER, Edith Eva. *A bailarina de Auschwitz*. Rio de Janeiro: Sextante, 2019. p. 67.

Em suma, Paulo dizendo que é preso *no, do* ou *pelo* Senhor é o mesmo que dizer (com Egger, no relato acima) que, mesmo estando corporalmente em uma prisão, ele é mental ou (mais abrangentemente falando) espiritualmente livre – coisa que seu opressor não poderia dizer, pois é escravo de seu próprio regime. E Edith Egger afirmando que rezou pelo seu opressor, diante dele e no ato propriamente da opressão, é, ao menos para mim, uma expressão concreta do que citei acima sobre uma vida inconsciente *em Cristo*. Ora, não foi aquela uma realização em ato do ensino de Jesus: “amem os seus inimigos e orem pelos que perseguem vocês” (Mt 5.44)? Edith era então judia; mas, nesse mister, consigo me irmanar mais a ela *em Cristo* do que a muitos dos que por aí se dizem *cristãos*.

### *De maneira digna da vocação*

O termo “vocação” no NT sempre se refere a um chamado ou convite divino. Que chamado é esse? Trata-se, à luz de capítulos anteriores, do privilégio de fazer parte dessa “nova humanidade”, re-*unida* (reconciliada) na terra sob a autoridade de Cristo (1.10; 2.15c-16). Viver de modo digno desse chamado é viver lembrando que *fomos feitos humanos de novo*. Isso significa, em primeiro lugar, desvencilhar-se das amarras teológicas que nos conectam apenas ao que se convencionou chamar de pecado original e, como consequência, a um “evangelho de administração de pecados”, como chamou Dallas Willard.

Uma notícia bem pouco “nova” e do tipo reducionista, pois se resume em: (1) afirmar ao sujeito que ele é um inveterado pecador e, assim, um eterno devedor; (2) garantir que, no entanto, existe o perdão celestial por intermédio de Jesus e sua obra na cruz; (3) reforçar que, uma vez que aceite a Jesus, “uma medida apropriada de justiça é transferida da conta de Cristo para a nossa conta no banco celestial” (Willard, 2021, p. 54). Willard não vê problema nem em dizer que somos pecadores (que, de fato, somos), nem de que somos perdoados (que, de fato, somos), mas no empobrecimento que essa visão agrega tanto à nossa compreensão do evangelho (que é muito mais do que isso), quanto da nossa humanidade (que não se subsumi a pecado). E isso, é claro, tem a ver menos com o evangelho em si que com o tipo de proclamação do evangelho que essas pessoas ouviram.

O que quero dizer com isso é que tanto ser *do evangelho* quanto ser *humano* são vocações para as quais somos atraídos não pelo problema (a ser sanado) que carregam – ainda que, admitidamente, muitas vezes (senão na maioria delas), um determinado problema acabe sendo porta de entrada para uma vida humana transformada pelo Evangelho. Podem nos atrair, também (e precisamente por isso), pelo que têm em comum: tanto a humanidade quanto o Evangelho têm a ver, sobretudo, com benção (*benedictio*) se considerarmos a lei da primeira menção. No caso da humanidade, a primeira menção a seu respeito, se tomarmos como parâmetro a bíblia, foi “Deus criou o ser humano à sua imagem”, homem e mulher, e os *abençoou*, isto é, *disse de uma forma boa* para eles realizarem sua humanidade com fecundidade (no sentido de frutificar) e, ao final, disse que esse humano, e tudo o mais que Deus fez, “era muito bom” (Gn 1.27, 31). Igualmente, no caso da palavra evangelho, trata-se da *boa* notícia de que há saúde (de onde extraímos a palavra salvação) possível para a humanidade junto com toda a Criação, na medida em que conosco e com ela nos reconciliamos em Cristo.

Assim, tanto o projeto da criação (do humano) quanto da reconciliação (pelo evangelho) de tudo e todos em Cristo coloca diante de nós uma pergunta e uma tarefa: a de *que tipo de pessoa seremos*. E viver de modo digno de sua vocação tem a ver essencialmente com isso, com tornar-se uma igreja reconciliada em Cristo no “momento após momento da realidade humana”<sup>267</sup>, como diz Willard. O que irá resvalar diretamente, como veremos, no tipo de comunidade de fé queremos, segundo Paulo: uma igreja humana, madura e edificante.

### *Tolerar pacientemente*

O termo “tolerância” precisa ser qualificado no discurso de Paulo. Não deve dar a ideia apenas de permitir que o outro exista entre nós, mas de *possibilitar essa existência* por meio de um *suporte* (um misto de admissão, de persistência e de paciência) *em amor (agapē)*.

Essa última expressão faz toda diferença na sentença, pois pressupõe uma abertura de espaço sem esperar nada de quem o ocupa. Cito uma frase da psicanalista Ana Suy, extraída de uma postagem em sua conta pessoal no Instagram (@ana\_suy): “Gentileza gera gentileza, não reciprocidade. Quem faz algo esperando algo em troca não está sendo gentil, está negociando. As lindezas da vida costumam vir do lugar onde não as esperamos, porque são presentes e não mercadorias”.

É isso. Gostemos ou não, *a gentileza humilde do evangelho não baixa sua dignidade perante respostas indignas e ingratas*. Isso é, aliás, o que significa perdão: não contabilizar as transgressões. Nesse momento, alguém pode praguejar: “Ah, Jonathan, então quer dizer que eu devo ficar calado diante de ofensas e calúnias?”. Claro que não. Mas essa pergunta me leva a falar sobre a última expressão a seguir.

### *Vínculo da paz*

Três observações aqui. *Primeira observação*: não confundamos “vínculo da paz” com vínculos *da pax* (romana). A chamada ‘pax’ romana, no mundo antigo, criava vínculos com base na uniformidade (todo mundo pensando igual e obedecendo à vontade do senhor, o imperador. Se assim for, vocês terão ‘pax’, isto é, permissão para existência com base em conformidade). O “vínculo da paz”, porém, se estabelece por uma unidade na diversidade ‘em Cristo’ (Ef 2.14). *Segunda observação*: quando nos reunimos, não deixamos a diversidade de lado, mas sabendo que é o que nos une que importa mais (v. 4-5); porque o que nos une é precisamente uma força em comum, mas que não despersonaliza (veremos mais a seguir). *Terceira observação*: *paz* não é sinônimo de conformismo ou pusilanimidade. Paz é o posicionamento firme, porém gentil, pela causa do evangelho (isto é, da justiça, da paz e da alegria no Espírito).

A diferença não está no conteúdo, mas no modo. Fazemos isso de modo humilde e gentil. Pois, como frisou Dalas Willard, “o que buscamos defender ou explicar é o próprio Jesus, que é um pastor gentil, amoroso. Se não formos gentis na forma de apresentar as boas novas, como poderão as pessoas descobrir o gentil e amoroso Messias que pretendemos lhes mostrar?”<sup>268</sup>. E hoje chegamos à situação (que eu nem mais chamaria de absurda) de que os primeiros da fila (mais necessitados de que lhes apresentemos as boas novas) se autodenominam “cristãos” e “evangélicos”. Estou

<sup>267</sup> WILLARD, Dallas. *A conspiração divina: redescobrimo nossa vida oculta em Deus*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2021. p. 70.

<sup>268</sup> WILLARD, Dallas. *A gentileza que cativa: defendendo a fé como Jesus faria*. São Paulo: Mundo Cristão, 2018.

convicto, porém, de que isso deve ser feito, principalmente, via igreja local. É o que tentei dizer a uma amiga essa semana, enquanto tentava acolher um desabafo (e replico aqui): considero fundamental que comunidades verdadeiramente cristãs (que acolham e convivam na diferença, seja ela de que natureza for) se levantem neste tempo, em que precisaremos urgentemente viver de modo digno de nossa vocação (de ser nova humanidade).

## **2 Entre uma coletividade pessoal e uma pessoalidade individual**

E a graça foi concedida a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo. Por isso diz: “Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativo e concedeu dons aos homens”. Ora, o que quer dizer “ele subiu”, senão que também havia descido até as regiões inferiores da terra? Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas. (4.7-10)

Vimos no final da primeira parte que o que Paulo chama de “viver de modo digno do chamado” que todos recebemos é viver como uma ‘nova humanidade’ (reconciliada e reconciliadora em Cristo). E, para expressar como isso pode se dar, ele usa a metáfora da união no Espírito em um só corpo, fé, batismo e Deus Pai; ou seja, ele está falando de uma união expressa pela e experimentada na comunidade de fé (a igreja local).

Espera-se que esse corpo possa viver esse ideal de uma integração, isto é, de todas as partes unidas por e para um propósito maior do que cada um dos indivíduos que a compõe (suas preferências, partidarismos e escolhas pessoais). Não é que isso não exista ali, mas que tem um momento em que eu praticamente esqueço que sou judeu e ela esquece que é grega de origem, na medida em que ambos passamos a *andar em Cristo*.

Até aqui tudo bem, mas Paulo também vai mostrar que essa integração enquanto corpo (igreja, coletivo) não existe sem uma integração enquanto partes desse corpo (pessoa, singular). É isso que ele parece estar dizendo entre os aparentemente enigmáticos versos de 7-10, em que no começo está a informação essencial: “A *cada um* de nós, porém, ele concedeu *uma dádiva*” (uma *charis*, um dom especial). Cada parte (ou pessoa) que faz parte do corpo tem uma coisa única, que só ela tem e ninguém mais. Para usar outra imagem (bem primitiva, aliás), Paulo diz que ao “descer” Cristo generosamente encheu nossos copos individuais com dons especiais.

Não entendo que o dom de alguém seja aquilo que alguém faz, mas, antes, quem aquela pessoa é. Pois na economia do reino de Deus, o *ser* precede o *fazer*. Logo, quanto mais alguém investe na própria integração (isto é, amadurecimento como pessoa única) e realiza seu potencial individual, isso traz: (a) felicidade à própria pessoa (o que, para todos os efeitos, significa desejo de viver e gosto por viver na própria pele, isto é, por ser quem se é); (b) contribui para a própria saúde e desenvolvimento, bem como a do corpo de Cristo; (c) por fim, dá glória a Deus. Porque a melhor forma de glorificar seu Criador é sendo quem você é. E ser quem você é, ao mesmo tempo, é ser Santo, amar a Deus e a vida de um jeito singular.

Em seu livro *Novas sementes de contemplação*, Thomas Merton pontua que uma dessas “sementes” que nos conduzem à vida contemplativa está na consideração das coisas a partir de sua identidade, ou seja, do que elas são em sua essência em

contraste com o que são em sua aparência. “Uma árvore”, por exemplo, “glorifica a Deus sendo uma árvore”, de modo que, “quanto mais uma árvore for como é, mais se assemelhará a Deus”<sup>269</sup>. O contrário também é verdadeiro: caso tente se assemelhar a outra coisa que não ela mesma, não respeitando e realizando sua natureza arbórea, menos glória dará a Deus e mais distante Dele permanecerá. Isso é o que Merton chamou de “santidade das coisas”, que reside na qualidade delas serem elas mesmas e não outras, de modo que não há nada que se iguale a elas nem na terra ou nos céus. Santidade é sinônimo de singularidade.

Ora, sabemos que a mensagem bíblica diz que *Deus é Santo*: “mas, assim como é santo aquele que os chamou, sejam santos vocês também em tudo o que fizerem, pois está escrito: ‘Sejam santos, porque eu sou santo’ (1Pe 1.15-16). Dizer, em primeiro lugar, que “Deus é santo” é o mesmo que dizer que Ele é *único*: incomparável, está “acima de todo nome”, não há outro igual a Ele, que não é e nem pode ser idêntico a outros deuses, tampouco às formas, fórmulas ou nomes que tentam descrevê-lo. E recomendar, em segundo lugar, que “sejamos santos como Deus é” significa aceitar este “sim” gratuito de Deus e ser único, singular, como é o Deus que nos deu essa vida. Afinal, não há nenhum outro ser vivente ou pessoa que seja idêntica a mim no universo. Por que razão macularei a santidade da vida tentando representar um personagem, imitar outro alguém ou ser quem não sou? Isto tem nome, chama-se “pecado” ou traição à santidade. Na definição de Merton, portanto, “ser santo significa ser eu mesmo”<sup>270</sup>, o que não é possível senão na comunhão entre caridade (amor) e graça.

### 3 O desenvolvimento maturacional do corpo de Cristo

E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de pessoa madura, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como crianças, arrastados pelas ondas e levados de um lado para outro por qualquer vento de doutrina, pela artimanha das pessoas, pela astúcia com que induzem ao erro. Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem-ajustado e consolidado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio crescimento para a edificação de si mesmo em amor (4.11-16).

Agora vem a parte que mais me instiga (porque toca a mim e a meus pares, pastores e mestres, de modo especial). Agora que entendemos que não há integração do todo se não houver integração das partes, Paulo se dirige a uma parte específica do corpo (em que se encontram profetas, evangelistas, mestres e pastores). Ou seja, ele fala de modo particular com os *personal trainers* do corpo, responsáveis por “preparar o povo santo” para: (a) realizar a missão de Deus, e (b) edificar a sua igreja.

<sup>269</sup> MERTON, Thomas. *Novas sementes de contemplação*. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 41.

<sup>270</sup> MERTON, 2017, p. 43.

Veja, portanto, que quem realiza a missão e edifica a igreja no *front* da batalha é o povo de Deus (*laos*), também conhecido como laicato.<sup>271</sup> Para tanto espera-se que essas pessoas sejam bem nutridas espiritualmente, com um saber teológico bem fundamentado nas Escrituras (sobre o qual desejo explorar melhor no próximo capítulo), para que assim possam ser testemunhas de Jesus Cristo no mundo – sinalizando e anunciando o Reino por meio de suas vocações, atividades profissionais e da vida corriqueira – com uma consciência bíblico-teológica-experencial sempre renovada, tanto sobre quem é Jesus Cristo, e sobre quem elas mesmas são enquanto andam nele. Não apenas lendo a Palavra, mas deixando que ela nos leia também, mostrando a profundidade do pecado, mas também da graça, da miséria, mas também da riqueza, das sombras do humano, mas também da glória que em nele reluz da imagem e semelhança do Eterno.

O ponto central aqui é que a *charis* ou o dom especial recebido por essa parte do corpo (os mestres, profetas e pastores) existe *para o serviço* do povo de Deus (e não para benefício próprio ou glória própria). Até quando devem servir nesta direção? Paulo deixa claro que isso tem prazo de validade: “Até que todos alcancemos a unidade que a fé e o conhecimento do Filho de Deus e amadureçamos” (v. 13). Pastores e mestres dignos do chamado que receberam exercem seu ministério não para que as pessoas dependam deles para sempre, mas cresçam a tal ponto de chegar à completa estatura de Cristo”, e se tornem, assim, pessoas espiritualmente e humanamente amadurecidas.

Em outras palavras, esses a quem Cristo designou como *personal trainers* do seu corpo, da sua igreja, trabalham incansavelmente para quê? Para se tornarem *desnecessários*! Em seu livro *O pastor desnecessário*, Eugene Peterson afirma que:

Essa é uma mudança de paradigma crítica para nossas igrejas. As pessoas gostam de levar seus líderes pastorais a se sentirem necessários, de modo que elas mesmas podem se eximir de suas responsabilidades no “sacerdócio de todos os crentes”. Se, porém, redescobirmos nosso chamado pastoral, saberemos que nossa função é apenas equipar, motivar, encorajar e promover as pessoas para que cada uma delas cumpra sua vocação na Igreja. Assim, não há quem seja mais “necessário” do que os outros, mas todos estamos livres para “sermos Igreja”, para viver de acordo com o sacerdócio para o qual todos os cristãos foram chamados.<sup>272</sup>

Se a gente agir assim – redescobrimo e reinventando nossa mútua vocação sacerdotal (de crentes e pastores), à luz não mais da cultura, mas das Escrituras –, sabe o que acontece? A gente quebra com o sistema religioso, exatamente como fez Jesus (razão pela qual ele foi parar numa cruz, pelas mãos dos próprios religiosos, seus irmãos!). Admitamos ou não: onde quer que a religião prospere, o reino de Deus está à margem. Assim tem sido com o seguimento de Jesus em toda a história. Por que seria diferente hoje?

---

<sup>271</sup> BARRO, A. C.; MENEZES, Jonathan. O futuro do leigo na igreja do futuro. In: BARRO, A. C.; KOHL, Manfred. *A igreja do futuro*. Londrina: Descoberta, 2011, p. 227-258.

<sup>272</sup> PETERSON, Eugene; DAWN, Marva. *O pastor desnecessário*. Reavaliando a chamada para o ministério. Rio de Janeiro: Textus, 2001. p. 212.

## Considerações finais

Para finalizar, olhemos aos possíveis resultados desse caminho, que o apóstolo deixou mais ou menos delineados para nós. Enumero o que está no texto:

1. *Deixaremos o caminho da imaturidade e infantilidade* (v. 14a). No NT, como sabemos, a infância tem pelo menos duas conotações. Uma *positiva* (uma segunda ingenuidade, fruto da maturidade), e uma *negativa* (regressão ao estágio de dependência). Na medida em que deixamos uma, passamos por um período intermediário (a vida adulta e independente) até que (espera-se) cheguemos à maturidade e, como seres maduros, percebamos que não somos mais dependentes, mas também não somos totalmente independentes. Que precisamos uns dos outros e de Deus. Que nossa vida não se resume a conquistas, realizações e felicidade pessoal, mas ganha sentido quando é entregue gratuitamente como dom maior. Logo, não seremos mais cativos nem da dependência nem da arrogada independência, mas livres para ser humanos segundo a singularidade de cada um/a. Assim o dom será dado com alegria, sem que esteja atrelado aos resultados.
2. *Desenvolveremos uma atitude contemplativa e crítica* (v. 14b) – minha forma de traduzir o que ele chama de não ser facilmente influenciado por “mentiras astutas” (hoje denominadas *fake news*). Entretanto, devemos trabalhar diligentemente para colher esse fruto, não esperando que outros o façam por nós (que é o que se espera de pessoas maduras: elas se tornam mais estudantes, e menos donas da verdade, como é tendência na fase em que rumamos à independência). Nesse caminho, *vigiemos e oremos*, como Paulo ensina. Uma vida vigilante – atenta, contemplativa, de olhos abertos treinada segundo a pedagogia do “ver” de Jesus – já se constitui, também, como vida de oração. Porque, muitas vezes, oramos de olhos abertos, a fim de o coração possa sentir e absorver aquilo que os olhos contemplam, e assim carregar em si as dores e as alegrias do mundo ao redor, como fez Jesus, vertidas em lágrimas que contam, em olhares que reparam e em possíveis gestos de amor, que transformam.
3. *Falaremos a verdade em amor* (v. 15). Quem conhece a verdade (Cristo) e é liberto pela verdade, não espalha *fake news*; não ignora o desmentido da realidade, nem despreza irmãos com pontos de vista diferentes. E, assim, vai se tornando mais parecido com Jesus, que nunca deixou de agir a partir de verdade – e assim, identificou-se com ela mesma e se autodenominou sua testemunha (Jo 18.37). No fim das contas, a verdade só “é” para quem se vê capturado por ela, uma vez que a verdade, em si, não pode ser capturada por ninguém. Ser cristão significa viver no limiar entre o anseio pela dádiva de ser cada vez mais possuído e capturado pela verdade na vida, e a boa-nova libertadora de não poder apreendê-la ou possuí-la no discurso, mas de vivê-la como “evidência muda”<sup>273</sup>. Entretanto, que toda fala, todo discurso, toda comunicação, argumentação, raciocínio, narrativa ou teologização sejam benditos e bem-vindos, desde que se assumam jubilosamente como meios, e não como fins, como contingentes, e não absolutos. E não um contingente-orgulhoso, pretensioso, paladino, mas um contingente-modesto, desprezioso, assumidamente fraco.
4. *Cresceremos de um modo inclusivo*, isto é, deixando espaço para que outros cresçam também e até mesmo ajudando-os a crescer, “para que todo o corpo se

<sup>273</sup> COMTE-SPONVILLE, André. *Valor e verdade*. Estudos cínicos. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 58.

desenvolva e seja saudável em amor” (v. 16). Essa é a subversão do reino de Deus, que quebra o sistema, transforma a vida e faz com que a Igreja seja sempre nova, sempre contemporânea. E não porque se submeteu aos padrões ou moldes de se fazer igreja na contemporaneidade – tornando-se uma igreja “da moda”, ideia que hoje me parece quase pueril –, mas porque decidiu construir sua experiência comunitária a partir do evento Cristo e do “vinho novo” do evangelho. Desse modo, essa igreja poderá ser considerada atual, porque está a caminho, rumando à maturidade em Cristo, e porque *Cristo é sempre atual*<sup>274</sup>).

### **Referências**

- BARRO, A. C.; MENEZES, Jonathan. O futuro do leigo na igreja do futuro. In: BARRO, A. C.; KOHL, Manfred. *A igreja do futuro*. Londrina: Descoberta, 2011, p. 227-258.
- COLLIN, Dominique. *O cristianismo ainda não existe*. Entre projetos inexistentes e a prática do evangelho. Petrópolis: Vozes, 2022.
- COMTE-SPONVILLE, André. *Valor e verdade*. Estudos cínicos. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- EGGER, Edith Eva. *A bailarina de Auschwitz*. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.
- MENDONÇA, José Tolentino. *Metamorfose necessária*. Lisboa: Quetzal, 2022.
- MERTON, Thomas. *Novas sementes de contemplação*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- PETERSON, Eugene; DAWN, Marva. *O pastor desnecessário*. Reavaliando a chamada para o ministério. Rio de Janeiro: Textus, 2001.
- ROHR, Richard. *O Cristo Universal*. Como uma realidade esquecida pode mudar tudo o que vemos, esperamos e acreditamos. São Paulo: nVersos, 2019.
- WILLARD, Dallas. *A conspiração divina: redescobrimo nossa vida oculta em Deus*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2021.
- WILLARD, Dallas. *A gentileza que cativa: defendendo a fé como Jesus faria*. São Paulo: Mundo Cristão, 2018.

---

<sup>274</sup> COLLIN, Dominique. *O cristianismo ainda não existe*. Entre projetos inexistentes e a prática do evangelho. Petrópolis: Vozes, 2022. p. 28.